

Ativismo visual docente: a contravisualidade em uma conversa online com imagens

Adriana HOFFMANN¹

Rosane TESCH²

Resumo

A conversação online se multiplicou durante o período da pandemia de covid-19 que se iniciou em 2020, no Brasil, e aprender a ser com a cultura visual, e as contravisualidades contemporâneas, visibiliza os modos como estamos nos produzindo, enquanto docentes, e que tem se tornado bem diferente de períodos anteriores à pandemia. É a partir desse contexto e da metodologia da conversa com imagens em cotidianos digitais que trazemos para a reflexividade o trecho de uma *conversa online com imagens* entre licenciandas e licenciandos em pedagogia, com o objetivo de mostrar de modo teórico-prático, neste artigo, o quanto estamos aprendendo-ensinando e nos constituindo com imagens em meio às múltiplas telas a partir das quais narramos sobre nós com outros. A conversa aconteceu em uma *sala de conversas online com imagens*, aberta no Google Meet, no mês de julho de 2021, em disciplina na Universidade pública.

Palavras-chave: Cotidianos digitais. Formação docente. Metodologia da conversa. Cultura visual

¹Professora associada da Escola de Educação e PPGEDU da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Jovem Cientista da FAPERJ. Coordenadora do Grupo de pesquisa CACE/Cnpq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5009-4373>. E-mail: adriana.fernandes@unirio.br.

²Doutoranda no PPGEDU Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)/Secretaria Municipal de Educação (SME/RJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7437-9840>. E-mail: rosanetes@unirio.br.

Teacher Visual Activism: contravisuality in na online chat room with images

Adriana HOFFMANN

Rosane TESCH

Abstract

Online conversation multiplied during the period of the COVID-19 pandemic that started in 2020 in Brazil, and learning to be with visual culture and contemporary (counter) visualities, makes visible the ways in which we are producing ourselves, as teachers, and that has become quite different from periods prior to the pandemic. It is from this context and the methodology of conversation with images in digital daily life that we bring to reflexivity the excerpt of an online conversation with images between graduates in pedagogy, showing in a theoretical-practical way, in this article, how much we are learning-teaching and constituting ourselves with the images in the midst of the multiple screens from which we narrate about ourselves with others. The conversation took place in an online chat room with images, open on Google Meet, in July 2021, in a discipline at the Public University.

Keywords: Digital daily life. Teacher training. Conversation methodology. Visual culture

Activismo visual docente: la contravisualidad em uma conversación online com imágenes

Adriana HOFFMANN

Rosane TESCH

Resumen

La conversación em línea se multiplicó durante el período de la pandemia de Covid-19 que comenzó em 2020, em Brasil, y aprender a ser com la cultura visual, y las (contra) visualidades contemporâneas, visibiliza los modos como estamos produciendonos, como docentes y que se han vuelo bastante diferentes de períodos anteriores a la pandemia. Es a partir de este contexto y de la metodología de conversación com imágenes entre licenciandas e licenciandos em pedagogia, com el objetivo de mostrar de una manera teórico-práctica, em este artículo, cuánto estamos aprendiendo/enseñando y nos constituyendo com las imágenes em médio de las múltiples pantallas a partir de las cuales narramos sobre nosotros mismos com los otros. La conversación tuvo lugar em una sala de conversas em línea com imágenes, aberta em Google meet, em julio de 2021, em una matéria de la Universidad Pública.

Palabras clave: Cotidianos digitales. Formación docente. Metodología de la conversación. Cultura visual

Introdução

Vivemos numa “sociedade imajada”, como nos diz Gomes (2021), ao percebermos que as imagens são parte da nossa cultura e dos nossos modos de ver, pensar e agir, mediando nossa relação com o mundo. Neste artigo narramos reflexivamente uma experiência que aponta um itinerário pedagógico que trabalhou com as visualidades de licenciandos e licenciandas como um artefato cultural, dialogando e valorizando as relações estabelecidas entre as pessoas participantes, as imagens, suas histórias e os contextos associados.

A discussão faz parte das construções e dos debates que estão sendo empreendidos em nosso grupo de pesquisa e que tomaram novo vulto a partir da pandemia e das experiências vividas. É nesse contexto, de pensar sobre o que temos vivido e sobre as diversas pesquisas realizadas pelo grupo, que a metodologia da conversa já estudada antes da pandemia começou a ser abordada sob uma nova perspectiva: a da *conversa online com imagens*³. E é nessa perspectiva que temos dito que a *conversa online com imagens* é uma conversa à distância que encurta distâncias e é uma conversa face a face em que as faces são mediadas por uma tela. Há uma tela no meio do caminho. E há imagens de outras telas e de outras faces encurtando o caminho das conversas online na área da educação.

No artigo trazemos a forma como os desafios da educação tornaram-se visíveis, por exemplo, quando num dos semestres de aulas online com licenciandas e licenciandos em pedagogia abrimos uma *sala de conversas online com imagens*, no Google Meet, para a disciplina de Imagem e Educação, no período de julho a outubro de 2021. A experiência faz parte de uma pesquisa de doutorado de uma das autoras e integra o projeto de pesquisa institucional coordenado pela outra autora.

Um trecho da *conversa online com imagens* entre duas licenciandas, um licenciando e duas professoras sustenta a reflexão, a partir do tema Cultura visual (como nos vemos?) e da produção de um Autorretrato/Self/Avatar pelas 15 licenciandas e licenciandos presentes no dia com a pergunta: o que você gostaria de mostrar/apresentar sobre você?

³ O uso do itálico é uma opção das autoras para enfatizar a escolha metodológica (*conversa online com imagens*) e as relações produzidas com a pesquisa (*nós, com etc.*).

Entendemos a cultura visual enquanto dimensão cultural que considera o social e o político no ato de ver, abordando-a sob a perspectiva crítica. Assim, articulamos a cultura visual à dimensão do online que tem abarcado a educação e a pesquisa, ampliando a reflexividade na construção de nossa capacidade de conversação com imagens.

Com o artigo, o objetivo é mostrarmos de modo teórico-prático o quanto estamos aprendendo-ensinando e nos constituindo com as imagens no itinerário pedagógico criado em meio às múltiplas telas a partir das quais narramos sobre nós *com* o(s) outro(s).

A conversação e as conversas online com imagens

A conversação online se multiplicou durante o período da pandemia de covid-19 que se iniciou em 2020, no Brasil, e aprender a ser com a cultura visual e as (contra)visualidades contemporâneas visibiliza os modos como estamos nos produzindo e que têm se tornado bem diferentes de períodos anteriores à pandemia, principalmente quando percebemos os múltiplos eus que emergem com o(s) outro(s) em nossas práticas com a educação em cotidianos digitais.

A partir da cultura visual, em “Conversações na aula de cultura visual”, Porres Plá (2013, p.173-174) propõe que conversar é performar a relação pedagógica, pois, sendo uma “metodologia viva”, seu trajeto não é único e é construído de forma compartilhada, uma história escrita em conjunto. Construir junto o *nós* da relação pedagógica e das múltiplas subjetividades, como um encontro conversacional em torno das imagens, é o que torna a experiência de ser com o(s) outro(s) tão complexa.

Desse modo, nos encontros com o(s) outro(s), o que acontece em uma “conversa sobre/com/a partir/para além das imagens” (PORRES PLÁ, 2013) pode tanto autorizar as formas de produção cultural como resistir a elas, dependendo de quem e do que se fala na relação com as imagens. E esse “autorizar ou resistir às imagens” acontece sob a ótica da discussão entre visualidades e contravisualidades, entendendo que as duas estão articuladas e que esse movimento de autorizar ou resistir às imagens ocorre em constante diálogo.

Também a partir da cultura visual, Rose (2016, p. 177) infere que o uso das imagens nas conversas é especialmente importante para trazer o inefável, o inominável e o indescritível para as interações, capturando, evocando e indicando, assim, o afetivo e o não representativo. Para esclarecer,

a autora enumera algumas das razões pelas quais se critica a política de representação, e uma delas, por exemplo, seria que, ao identificar representações opressivas, poderíamos estar, apenas, reproduzindo as relações de poder que elas representam em vez de desalojá-las.

Ao articularmos as obras de Rose (2016) e Porres Plá (2013) para falar sobre *conversas online com imagens* pretendemos ressaltar a necessidade de trazer a reflexividade sobre as relações de poder instituídas pela cultura da representação, já muito criticada pelos estudos da cultura visual, para as pesquisas teórico-práticas com a educação.

Na atual cultura do ver e do ser visto, quando associamos as imagens às conversações, questionamos o papel das práticas sociais do olhar, das representações visuais e das relações de poder que a elas se vinculam. Com essa paisagem, Porres Plá (2013) argumenta que, nas **conversas sobre imagens**, expomos o imaginário visual e as formas de olhar o mundo derivadas, sobretudo, de narrativas discursivas hegemônicas; nas **conversas com imagens** mostramos que a vinculação com o que se está aprendendo tem mais valor do que a motivação pedagógica ou curricular que gerou a conversa; nas **conversas a partir das imagens** debatemos os sentidos que são outorgados às imagens compartilhadas nas redes, que valores são adquiridos como parte das práticas de visualidade do ver e ser visto pelo(s) outro(s), como nas produções de si que direcionam o olhar para a experiência vivida; e, nas **conversas para além das imagens**, significamos não o que está nas imagens, mas a relação que estabelecemos com elas, os seus valores de uso e os modos como nos permitem ver e ser vistos através delas.

A partir desses princípios, a metodologia da conversa desorganiza a ideia de entrevista como método direcionado e controlado, permitindo ampliar a escuta do outro (RIBEIRO, SOUZA E SAMPAIO, 2018) nas pesquisas em educação e com materiais visuais (ROSE, 2016).

A legitimidade da *conversa online* como metodologia de pesquisa é ressaltada por Couto Junior, et al (2020), quando os autores falam sobre a produção de saberes-fazeres entre sujeitos geograficamente dispersos e dos encontros face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede, e, também, quando reconhecem os espaços físicos-digitais como indissociáveis. Em função da vivacidade, será nas interações *com o(s) outro(s)* que acontecerão as tensões e as trocas de experiências que não podem ser antecipadas nas conversas, portanto, não há como prever o dito e o não dito.

Apropriando-nos das palavras de Collins e Bilge (2020, p. 13): “dialogar é um trabalho árduo”, e podemos dizer que há muitos pontos de tensão nas conversas. Então, quando nos propomos a refletir-teorizar-praticar, conversando com imagens, geramos tensão, ainda que “uma tensão frutífera”. “O óbvio tem que ser dito!” é exemplo de uma frase recorrente na área de educação. Mas o que seria o óbvio? Pergunta difícil, já que, nas pesquisas em que defendemos a conversa como metodologia, ousamos pensar em visualidades e contravisualidades em cotidianos digitais, sobretudo nas conversações online.

Assim como é importante refletir sobre o óbvio, que nem sempre aparece desse modo nos encontros cotidianos, a pausa se apresenta como um movimento-chave na arte da conversa, pois sem ela não há escuta. Se falamos ao mesmo tempo, ou se ficamos ansiosas ou ansiosos para falar sobre os pensamentos que nos tomam enquanto o outro fala, perdemos os detalhes. E, muitas vezes, o detalhe perdido é o que iria aclarar todo o diálogo. Sem a pausa que permite a “tensão frutífera”, não vemos, não escutamos e não sentimos, mesmo que o que consideramos óbvio tenha sido dito.

Desse modo, o óbvio, o não dito, a pausa, a tensão frutífera e o silêncio são movimentos que provocaram inúmeras aprendizagens em nossa *sala de conversas online com imagens* aberta no Google Meet para a aula de Educação e Imagem com licenciandas e licenciandos em pedagogia, em 2021.

Em tempos de pandemia, ao propormos exercícios de produção visual autoral e realizarmos uma *conversa online com imagens* a partir das produções realizadas, visibilizamos as imagens de si produzidas e compartilhadas como apresentação e performance e não como representação, desencadeando reflexões individuais e coletivas com/sobre/a partir e para além das imagens apresentadas que permitiram entender que relações as pessoas estabeleceram ou produziram com as imagens, sobretudo por sabermos dos contextos e histórias associadas às pessoas participantes e pelas imagens serem especialmente significativas e/ou afetivas para elas.

Que visualidades seriam hegemônicas e autorizadas e que visualidades seriam de outra ordem, produzindo contravisualidades à hegemonia visual? Como essa relação acontece numa conversa online com imagens? Pode uma conversa produzir ativismos que criam ou reforçam contravisualidades? Essas foram algumas das questões que emergiram com a conversa.

Estética da apresentação: quebrando paradigmas

A *estética da apresentação* é uma proposta contravisual para a *estética da representação* teorizada e praticada pela ciência moderna cujo paradigma está baseado na definição de um modelo, a priori, estático, regular, definido, imutável e universal que exclui ou elimina o que está diferente.

Na perspectiva da complexidade, que não pode ser reduzida a uma teoria ou paradigma que se opõe à ciência moderna, tendo em vista que a contém, as docências se apresentam de forma plural a partir de imagens visuais compartilhadas em redes cotidianas digitais, redes fluidas que não têm centro nem hierarquias pré-fixadas, ainda que visibilizem relações de poder na dinâmica das interações.

Com a *estética da apresentação* fugimos da *estética dicotômica*, não separando sujeito e objeto, conhecimento e realidade, forma e conteúdo. Assim, não há mundo objetivo independente do sujeito, pois pensamos nas relações e interações que produzem conhecimentos plurais. Não há espaço, também, para modelos universais pré-definidos a serem seguidos. O sujeito que observa à distância, independente do contexto social e histórico que condiciona seu olhar, desvanece. Não pode haver sujeito sem contexto, sem lugar de conhecimento. A *estética moderna da representação* é pensada, em nossos estudos, como uma das formas possíveis de se produzir ideias e imagens de mundo, e não como sua forma natural ou universal.

Pensar um universo independentemente do pensamento que o está pensando: eis aqui o paradoxo fundante da epistemologia. O sujeito não entra no quadro do mundo, assim como o pintor não figura no quadro “realista” que foi criado utilizando a técnica moderna da perspectiva. A esta *estética do conhecimento* se denominou representacionista. (NAJMANOVICH, 2022, p. 27)

Representar exclui, separa e institui modelos e padrões a serem seguidos ao determinar a hierarquia das coisas e pessoas, invisibilizando os processos relacionais. E, se há outras perspectivas estéticas, a *estética da representação*, assim como a *dicotômica*, se mostra limitada para uma pesquisa com imagens.

Como nossa intenção é fazer pesquisa na perspectiva da complexidade humana e da *estética da apresentação*, que emerge de forma plural em suas semelhanças e diferenças, entramos em campo, conversando sobre/com/a partir e para além das imagens (PORRES PLÁ, 2013), observando e participando das experiências com as pessoas em meio ao processo caótico que entrelaça as vidas aos cotidianos que não se repetem. Durante a conversa online com imagens, vimos surgir apresentações docentes, inúmeras e plurais, às quais demos maior ou menor atenção em função da escuta atenta que nenhuma pergunta programada poderia prever.

Sabemos que, apesar de os limites e falhas do paradigma moderno já terem sido demonstrados, ele ainda continua influenciando o trabalho científico, pois há cientistas que continuam o aceitando como válido. Também sabemos que suas pegadas aparecem nas conversas com imagens, pois a própria ideia de pesquisa acadêmica e científica vem do pensamento moderno. Entretanto, para pensar e fazer ciência no novo século, ainda que sigamos modelos, eles não são lineares, a digitalização da vida atual não permite, a objetividade é um mito, e a ciência é uma empresa humana (NAJMANOVICH, 2022, p. 21-22).

Assim, neste estudo com pessoas e imagens, em que o mundo não aparece como objetivo, externo e independente das pessoas, as pessoas são o mundo. Não há separação. Pois, para que estejamos separados do mundo, hipoteticamente, precisa ser feita uma cisão arbitrária que invisibilizaria partes do todo complexo que nos cerca.

Segundo Hernández (2013), um olhar mais aproximado possibilita que vejamos, interpretemos e atuemos com diferenças e posições diversas. Ao

[...] olhar a escola com outros olhos e até onde a experiência se mantém atualmente, invisível (por não ser valorizada nem considerada), estou assumindo que vivemos e produzimos um novo regime de visualidade. A consequência educativa dessa posição é [...] viajar para além do ensinar a ver (pois pode ocasionar uma prática colonizadora) e, facilitar a experiência. [...] a finalidade é explorar nossa relação com as práticas do olhar, as relações de poder em que somos colocados, questionar as representações que construímos de nossas relações com os outros, [...] e oferecer alternativas aos relatos naturalizados. (HERNÁNDEZ, 2013, p. 92)

Ressaltando que a investigação em cultura visual está estreitamente ligada à pesquisa com imagens, Hernández (2013) destaca o quanto o questionamento, a partir do final dos anos 1960, do enfoque positivista-realista nas investigações sobre a compreensão e a representação das experiências humanas, contribuiu para uma revisão epistemológica nas pesquisas com pessoas. Para o professor-pesquisador, “a utilização de métodos visuais permite abrir-se ao campo da experiência para entender fenômenos que, de outra maneira, passariam despercebidos” (p. 79).

Dessa maneira, em meio às conversas com as licenciandas e os licenciandos em pedagogia, podemos entender a cultura visual contemporânea como uma estética da apresentação e performance e não como uma representação, pois a performance e a apresentação são produtivas, ou seja, mesmo parecendo que simplesmente estão sendo replicadas práticas socialmente aprendidas, essas contêm um gérmen de produtividade.

Consideramos essa concepção na experiência aqui relatada ao perceber as práticas docentes também como performances, sejam elas dispostas a partir de um currículo verticalizado ou de currículos praticados com os cotidianos físicos-virtuais, online-offline, dentro-fora das unidades escolares, com todas as pessoas envolvidas com esses cotidianos. Por isso reiteramos que, nas salas, as imagens e as conversas com imagens permitem aprender a partir da cultura visual e através dela, exercendo e não, apenas, observando, produzindo culturas visuais como performance e não, apenas, como representação (PORRES PLÁ, 2013, p. 177). Ao tensionar as certezas por meio da conversa, quebrando o paradigma da representação, convidamos as docências a intercambiar experiências a partir da estética da apresentação como trazida neste artigo.

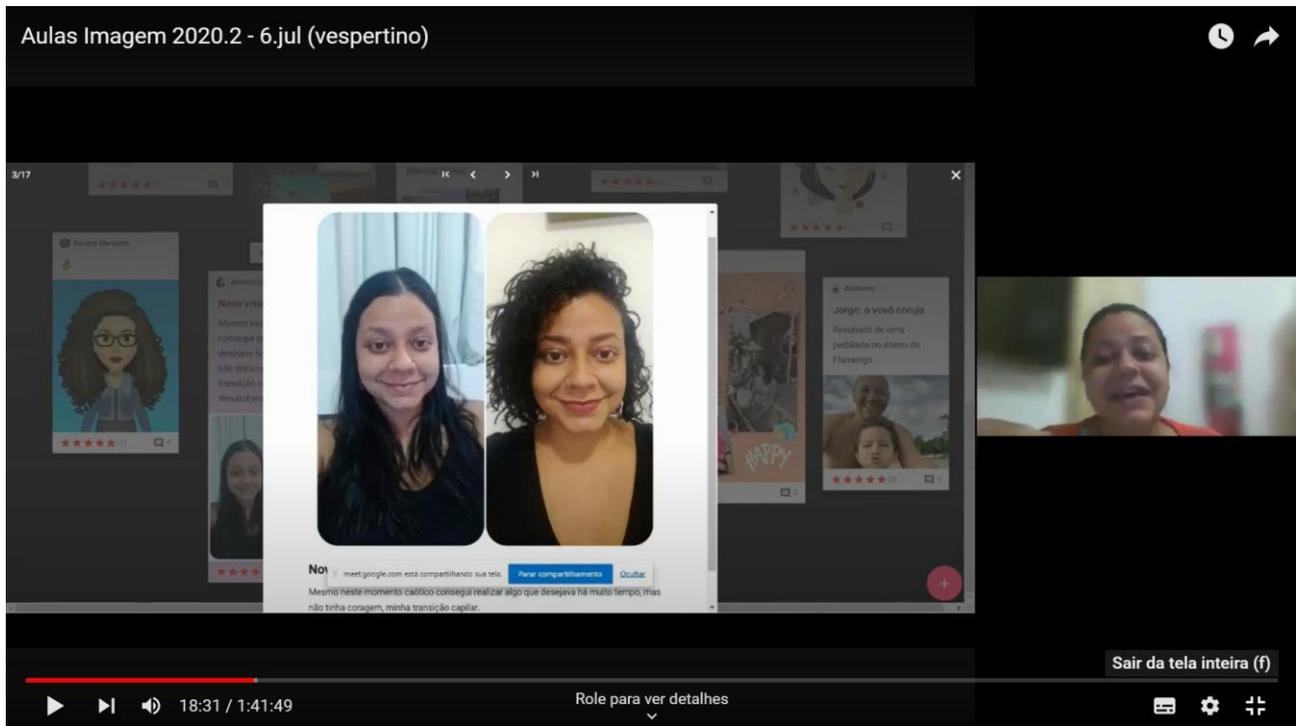
Ativismo visual em uma conversa online com imagens: atitudes para além de empoderadas

A *conversa online com imagens* que desencadeou a escrita do presente artigo aconteceu no dia 6 de julho de 2021, no horário vespertino. Das 26 licenciandas e licenciandos matriculados, 15 estavam presentes à aula. Era a primeira *conversa com imagens* e a primeira conversa com produções de imagens de si feita de modo online nessa turma.

A proposta era de que produzissem um Autorretrato/Selfie/Avatar e as imagens fossem compartilhadas ao longo da semana em um mural no aplicativo de rede social Padlet⁴ que seria exibido durante a aula online como um quadro virtual dinâmico e interativo para proposição do debate. Destacamos que todas as imagens aqui trazidas foram autorizadas pelas pessoas participantes.

Imagem 1. Licencianda 1 na Sala de conversas online com imagens - Google Meet.

⁴ O Padlet é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdo multimídia. Funciona como uma folha de papel, onde se pode inserir qualquer tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeo, hiperlinks) juntamente com outras pessoas. As autoimagens 1, 2 e 3 exibidas no texto foram autorizadas pelas pessoas participantes da pesquisa.

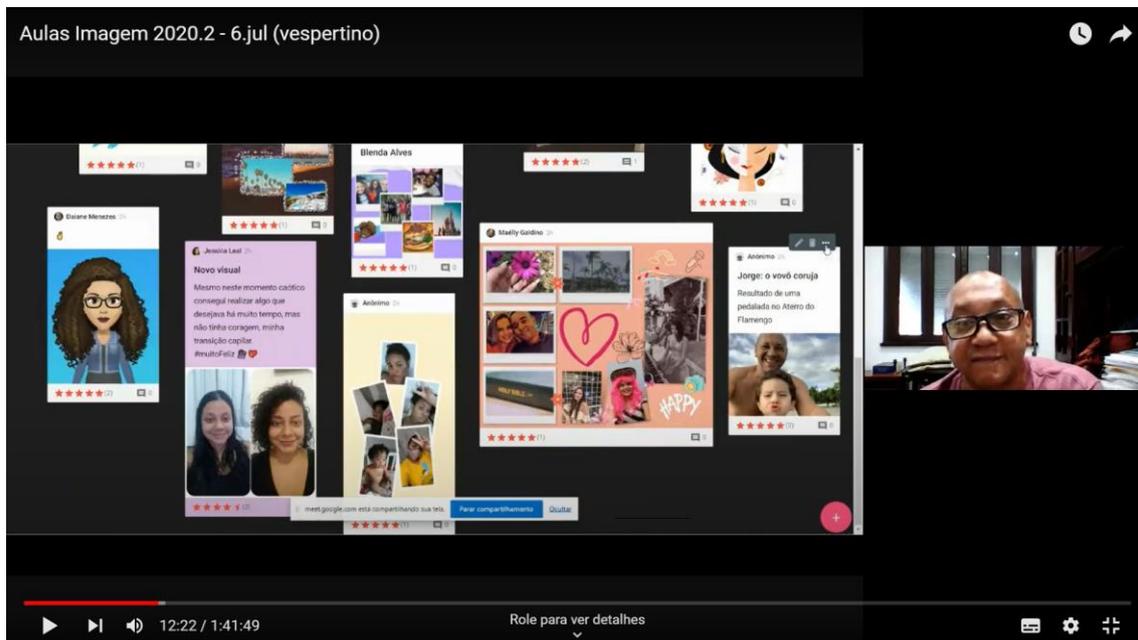


Fonte: Material de pesquisa. 2021.

A conversa online com imagens aconteceu em torno da produção de autorretratos nos usos das redes cotidianas digitais. Mirzoeff (2016) nos ajuda a entender o cotidiano, ou “novo cotidiano”⁵, como lugar do pessoal e da política que não tem nada de banal e rotineiro. Assim, nesse exercício de produção autoral e posterior conversa, quando produzimos autoimagens, além de fugir das armadilhas da representação (ROSE, 2016), estamos produzindo, também, o “direito a olhar” não só a imagem do outro, mas a nossa própria imagem envolvida com a cultura visual contemporânea.

⁵ O New Everyday explora a localização do cotidiano “na era da globalização, migração, terceirização e mídia global”, perguntando “que trabalho é feito por e com o cotidiano, onde e por quem?”. Disponível em <[a nova | cotidiana se:livro \(futureofthebook.org\)](http://futureofthebook.org)>. Acesso em 17jul2022.

Imagem 2. Licenciando 1 na Sala de conversas online com imagens - Google Meet.



Fonte: Material de pesquisa. 2021.

Os movimentos da conversa aqui exibidos permitem refletir sobre/com/a partir/para além das imagens 1 e 2, dialogando com a imagem 3, a seguir, em uma abordagem que pensa-pratica em termos de significado cultural, de práticas sociais e de relações de poder nas quais o visual está inserido.

Professora 1: Quem mais quer falar? Estão muito tímidos. Está aberto [risos]. Tem tanta contribuição importante aqui, não é?

Professora 2: Sim! Aliás, tem muita coisa legal pra falar aqui com essas imagens. É só perder a timidez. É que **a gente não quer falar antes de vocês, a gente quer que vocês falem primeiro.** (Grifo das autoras)

Licencianda 1: Oi, pessoal, estão me ouvindo? Já que ninguém quer falar, vou falar! [risos]. Então, minha foto. Essa aí eu coloquei 'novo visual'. É uma coisa que eu já tinha pensado, mas nunca tinha colocado em execução. Ele está cacheado [cabelos] como está aí e eu fiquei feliz. Por mais que seja um momento difícil como esse que a gente está passando [pandemia], foi uma coisa que eu consegui executar, com todas as dificuldades [PAUSA] e tô arrasando de cabelo cacheado [risos].

Professora 1: Está linda! Ficou lindo.

Professora 2: Aqui tem muita coisa, nessa transformação, pra gente falar.

Professora 1: O que diz essa transformação?

Licencianda 1: Então, gente, [PAUSA]

Licenciando 1: (Você) Pode falar?

[TENSÃO FRUTÍFERA]

Licencianda 1 Tô falando. O quê?

Licenciando 1: Eu tô falando. Pode falar pra gente? [PAUSA] O motivo da transformação?

Licencianda 1: (Sim). Então, minha transformação foi assim: eu já tinha pensado. Quando entrei pra faculdade, eu conheci muitas mulheres empoderadas, vamos dizer assim, e comecei a refletir sobre a questão do cabelo. [...] não que eu ache que todo mundo tenha que ter cabelo cacheado [...] você é que tem que escolher porque, pra mim, foi uma coisa um pouco imposta, e eu só consegui refletir sobre isso quando cheguei na faculdade. E, na pandemia, foi o momento em que eu consegui ter coragem porque era uma questão de home office, dava pra prender o cabelo, colocar os fones, esconder um pouco, colocar uma tiara, então eu falei: vou tentar! Fui cortando o cabelo, em casa mesmo, porque estava com medo de sair. Quando os cachos começaram a aparecer mesmo [...] fui ao salão, cortei até o queixo, foi em março deste ano [2021], passaram-se 3 meses, então eu fui agora em 22 de junho, e, aí, viralizei. Ficou lindo! Mas, teve todo um movimento da minha família que me encorajou [...].

Percebeu-se, no diálogo trazido, um espaço de escuta em que todos queriam ouvir o relato da Licencianda 1, deixando-a bem à vontade para narrar sua experiência na conversa online com estudantes e professoras. A transformação/transição nomeada vai sendo trazida aos poucos na fala da licencianda, após pausas, tensões e brincadeiras, revelando um espaço de troca autêntico entre o grupo, *a partir* das imagens trazidas por cada uma das licenciandas.

Sobre as conversas com imagens geradas pelas pessoas participantes da pesquisa, Rose (2016) diz que são particularmente úteis para explorar as coisas que são consideradas como “normais” na vida cotidiana, revelando “o que está invisível nos mecanismos internos do comum e que é dado como certo” (SWEETMAN, 2009, apud ROSE, 2018, não paginado). Geralmente, imagens cotidianas, ou seja, vistas diariamente e por longo período, passam a ser consideradas “normais”. É a essa “normalidade” que Rose (2016) pede atenção, pois nela podem estar contidas muitas formas de opressão.

Licencianda 2: Muito legais suas fotos. Eu amo ver fotos de transição capilar porque o meu foi diferente do seu. Quando eu cheguei na universidade eu tinha acabado de fazer o meu corte. Eu também usei o cabelo alisado, praticamente, durante toda a minha vida. Eu acho que nem conhecia a minha estrutura capilar. A criança preta alisa o cabelo desde quase que nasce, então [...] eu tinha parado de alisar por conta da gravidez do meu filho [...] já tinha feito esse movimento [...] e o meu movimento levou outras meninas a fazer o mesmo, dizendo ‘nossa, você tem tanta coragem’ de estar com o cabelo tão curtinho [...] mas, pra mim foi tão libertador [...] olhar pra mim com mais carinho, me amar [...]

Ativismo visual docente: a contravisualidade em uma conversa online com imagens

Licenciando 1: [...] eu comprei uma máquina de cortar cabelo, corto em casa e está resolvido [...]

Licencianda 2: [...] o meu próximo empoderamento vai ser ficar careca, eu vou chegar lá. (risos)

Nas conversas, nem sempre o que parece óbvio pode ser dito. Entretanto, as *conversas online com imagens* autorizam explorar nossas relações com as práticas do olhar e as relações de poder que nos enredam, questionando as representações que construímos de nossas relações com os outros (PORRES PLÁ, 2013).

Percebemos, por exemplo, como através dos autorretratos com imagens pessoais de cada participante sobre sua relação com seus cabelos em diferentes contextos de vida operou-se uma troca relevante e sincera entre todos numa reflexão a respeito do modo como cada um se situa na sociedade e como um grupo social pode colaborar no empoderamento das futuras docências ao assumirem seus cabelos, identitariamente, de forma ativista e contravisual.

Nicholas Mirzoeff (2016), ao romper com a noção de visualidade como sendo uma simples percepção visual, define o conceito como a articulação entre informação, imaginação e compreensão sobre o que se vê, reivindicando o “direito de olhar” através do qual se produz a contravisualidade que, por sua vez, produz narrativas que questionam as visualidades hegemônicas. De acordo com o autor, com o ativismo visual procuramos envolver-nos com a cultura visual existente e não aspirar a um mapeamento abrangente dos materiais capitalizados/visualizados, mas antes usá-los, primeiramente, como meios para mapear a mudança e depois produzir a transformação social. Afinal, essa atitude das licenciandas, de tomarem coragem e assumirem seus cabelos, gerou relatos importantes para cada um/a que estava presente na conversa online com imagens, produzindo um ativismo visual. Conversa em que o autorretrato de uma dialogava e entremeava-se à experiência do autorretrato da outra, construindo fios de narrativas empoderadoras através das contravisualidades. Uma conversa em que se manifestavam os modos de construção da cultura visual, mostrando que mais do que a imagem em si, o foco da conversa era tudo o que se pensava-praticava e se dizia em função dela. Experimentamos, assim, o visual por meio da cultura nesse entremeio de autorretratos como imagens de si com o(s) outro(s).

As contravisualidades produzindo ativismos docentes

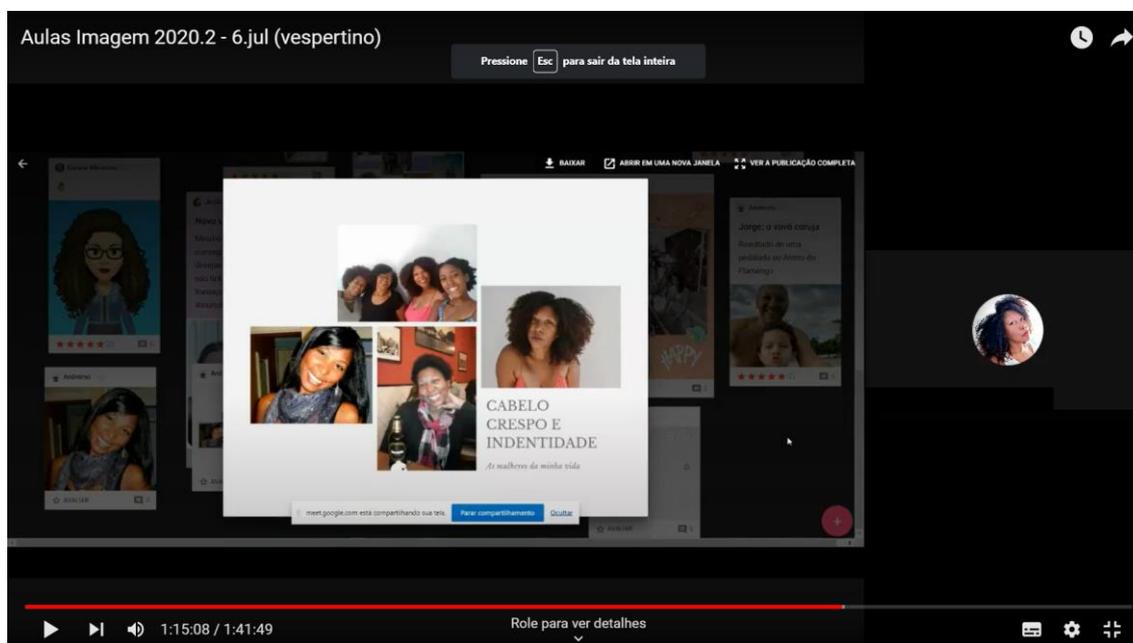
Rose (2016) chama a atenção para o fato de que, se as pessoas fotografam o que lhes aparece como mais importante, as fotografias produzidas evitam as armadilhas da representação. Na

‘apresentação’, como as das Licenciandas 1 e 2, fotos de si nos fazem falar; fotos com a família, fazem a família falar: falar com imagens.

Como diz Rose (2016), uma das críticas à política de representação é a preocupação de que, ao identificar representações opressivas, estejamos reproduzindo as relações de poder que elas representam, em vez de desalojá-las, sobretudo com imagens que nos aparecem como “normais”.

Durante a conversa com a Licencianda 1, a Licencianda 2 comentou as imagens, mas não havia feito *upload* do seu autorretrato. Entretanto, na dinâmica da *sala de conversas online com imagens* e com os usos e compartilhamentos digitais possíveis de serem produzidos em tempo real, foi solicitado à Licencianda que inserisse sua imagem até o final da aula. Assim seria possível continuar a reflexividade a partir das imagens produzidas por ela. A Licencianda 2 concordou, e pouco antes do final da aula suas autoimagens foram exibidas na tela. Vale ressaltar que abrir ou não as câmeras era uma opção, e não uma imposição. Por consequência, independente de questões técnicas ou estéticas individualizadas, esse movimento excluía a tensão, mas não a fala.

Imagem 3. Licencianda 2 na Sala de conversas online com imagens - Google Meet.



Fonte: Material de pesquisa 2021.

Imagem 4. Zoom da imagem-texto do autorretrato da licencianda 2.



Fonte: Material da pesquisa. 2021.

Durante a exibição das autoimagens (Imagens 3 e 4), a Licencianda 2, assim como a Licencianda 1, se ‘apresentou’:

Licencianda 2: Então, aqui sou eu em todas as fases: lisa, quando eu fiz o corte e com o cabelo grande, como ele está atualmente. Eu também coloquei a foto da minha mãe e das minhas irmãs porque, quando eu iniciei esse processo de mudança de cabelo, eu acabei por empoderar toda a minha família. [...] As minhas irmãs vieram nesse movimento todo comigo. Todo mundo cortou, tirando a química, e a minha mãe foi a última porque ela é uma pessoa mais velha, tem um pouco mais de resistência. Mas ela viu que foi tão forte esse movimento dentro da nossa casa que ela também cortou o cabelo [...] essa **foto é muito emblemática porque é a libertação de uma família, de tanto tempo de uma representação eurocêntrica que não nos representa** [...] (grifo das autoras)

Podemos considerar que todos os diferentes tipos de imagens oferecem vistas do mundo, ou formas de representar o mundo em termos visuais. Imagens que nunca são janelas transparentes, pois interpretam o mundo e o exibem de maneiras muito particulares, reforçando formas de ver próprias de determinados contextos culturais.

A fala que finaliza esse trecho do relato aponta claramente esse aspecto, mostrando como o visual se associa a formas de poder. Quando a Licencianda 2 afirma que a nova imagem representa “a libertação de uma família”, libertação de uma forma de mostrarem-se “eurocentricamente” que não as representava em sua identidade e cultura, ela está fazendo um movimento contravisual. E esse movimento é expressado, inicialmente, por suas escolhas e depois pelo seu relato que reverbera em outros contextos e sujeitos, produzindo reflexões críticas a respeito das relações de poder que podem ser visibilizadas com as imagens.

Desse modo, essa escolha contravisual produz, em contrapartida, um ativismo visual. É sobre como nós nos apresentamos e não como nos representam. Na representação alguém fala de nós

HOFFMAN; TESCH.

enquanto docentes, como quando colocam a imagem em uma propaganda ou em um vídeo para crianças. É o mesmo tipo de cabelo, mesmo tipo de roupa, mesma inclinação da cabeça. Ao passo que na apresentação das docências, isso surge completamente diferente, pois surge de forma plural como um ativismo visual docente.

Sobre cultura e representação, Rose (2016) argumenta que qualquer que seja a forma que assumam, as representações, ou seus significados explícitos, implícitos, conscientes ou inconscientes estruturam a maneira como as pessoas se comportam – e a maneira como você e eu nos comportamos – em nossa vida cotidiana. Então, quando nós, docentes, estamos em um diálogo, ouvimos o(s) outro(s) e esperamos pelo que têm a dizer, e só depois respondemos, mesmo que não falemos, pois entendemos que compartilhar esse espaço de escuta é que possibilita falas como essa e que “falar primeiro é nomear e colonizar” (MIRZOEFF, 2018, não paginado).

Quando a Licencianda 2 cita “uma representação eurocêntrica que não nos representa”, podemos dizer, a partir de Rose (2016), que o modelo eurocêntrico é uma representação particular que se pretende universal e, justamente, por ser particular, não se ‘apresenta’ como transparente ou dada a muitas vistas. Daí a importância de realizar “conversas substantivas” (COLLINS, 2021, não paginado) que só podem acontecer nos meios de comunicação se houver responsabilidade pelas ideias e ações das pessoas e o “compromisso de trabalhar sobre as diferenças a partir da escuta e do aprendizado mútuo”.

Nossa *conversa online com imagens para além* de empoderadas foi sobre como nós nos apresentamos e não como somos representadas. Com o ativismo, Mirzoeff (2018) diz que a pretensão é usar os media visuais para perceber de que forma as mudanças estão ocorrendo no mundo e, também, para ajudar a produzir essa mudança na sociedade, pois “a teoria não são só palavras numa página, mas também coisas que se fazem” (MIRZOEFF, 2018) *com* imagens.

Por um Manifesto contravisual docente

[...] o ato de ver não acontece num vazio cultural; ao contrário, sempre acontece em contexto, e contexto orienta, influencia e/ ou transforma o que vemos. Por esta razão, ver é – deve ser – um processo ativo e criativo. (MARTINS; TOURINHO, 2011, p. 54)

O que foi vivenciado e trazido de forma reflexiva neste artigo reforça a epígrafe acima. De acordo com debates atuais, as contravisualidades, assim como as visualidades, são políticas, além de suscitar, concomitantemente, questões éticas e estéticas, principalmente quando relacionamos educação, cultura visual e digitalização da cultura.

As contravisualidades

são frutos das nossas interações e geração de significado, do que aprendemos e ensinamos coletivamente, das nossas dinâmicas, conflitos e mudanças. A contravisualidade seria uma resposta à autoridade da visualidade hegemônica na sociedade, como nos lembra Mirzoeff, através do *direito de olhar* em que questiona ou faz pensar a respeito dos lugares de poder das imagens instituídas. (HOFFMANN; TESCH et al., 2021, não paginado)

Diante disso, podemos afirmar que as imagens não só chegaram ao primeiro plano na cultura digital, elas também passaram a marcar uma ampla gama de práticas de pesquisa que devemos considerar, enquanto pesquisadoras e pesquisadores da área da educação. As diferentes maneiras de demarcar formas-conteúdos vão além da imagem única. Levar em consideração toda a rede de conteúdos relacionados: atores, plataformas, *sites*, imagens e relações é imprescindível nas formações com as docências.

As experiências desencadeadas com a pandemia ampliaram discussões de um modo que nem mesmo nós, pesquisadoras e pesquisadores da área de educação, conseguimos dimensionar. A proposta de um *Manifesto contravisual docente* elaborado pelo grupo de pesquisa reflete a tentativa de colocar no papel conversas e debates surgidos em encontros online de pesquisa, como o da experiência com licenciandas e licenciandos trazida no artigo.

Com o entendimento recorrente de que toda e qualquer imagem é uma visualidade, é perceptível que, ao longo dos últimos anos, os conceitos de “visualidade” e “cultura visual” tornaram-se mais conhecidos, mas nem sempre se tem consciência da complexidade que envolve esses conceitos.

A visualidade, em uma dimensão ampla e contextual inclui a contravisualidade. Os dois conceitos estão em diálogo e mudanças constantes, sobretudo com os acontecimentos sociais, econômicos e políticos – globais, e com o modo como nós pensamos, falamos e criamos espaços de reflexão acerca do instituído na sociedade. O tema aparece, assim, aberto para pensarmos a respeito das possibilidades de produções que as conversas com imagens apresentam. Trata-se, portanto, de levantar questões e provocar o pensamento.

Na conversa online com imagens, quando a Licencianda 2 diz que a transição capilar foi um processo libertador para toda uma família ou que seu próximo empoderamento será ficar careca, ela manifesta um processo que está diretamente ligado ao compartilhamento de autoimagens em redes cotidianas digitais. A apresentação de si pode ser libertadora e influenciar no processo de formação e autoformação docente, tendo em vista que a estética da representação impõe o seguimento de padrões rígidos e universalizados que excluem todas as pessoas que a eles não se enquadrem. Como exemplo, podemos citar a publicidade ocidental, já considerada tradicional ou clássica, que considera como padrão, além do cabelo liso e longo para o feminino, o direito ao cabelo curto ou ausência de cabelos apenas para o masculino.

Em favor da cultura de uma estética da apresentação argumenta-se que as diferenças passeiam entre concepções variadas da própria noção de cultura, digitalizada ou não, e do que seria uma cultura do ver e do ser visto, não importando se a imagem que compartilhamos são nossas ou de outras pessoas, e despertando, assim, contravisualidades outras.

Considerações finais

Conforme enfatiza Cassino (2021, p. 122), a cultura visual nas pesquisas com docências corrobora com a concepção de que novos regimes de visualidades passaram a incorporar outras “gramáticas” e sensibilidades traçadas a partir desses usos. A experiência narrada reflexivamente nos permite perceber a relevância e a autenticidade dos relatos trazidos, principalmente pela forma como as visualidades foram apontando movimentos de empoderamento, ou contravisualidades visibilizadas nas próprias falas e imagens das licenciandas e licenciandos. Uma mostra do contexto que orientava o vivido de cada uma como parte do contexto do que se vê nesse processo ativo e criativo de relação com as imagens.

Abreu et al. (2019) diz que aprender/ensinar a partir das contravisualidades vai ao encontro do que já foi reivindicado por Mirzoeff (2016), ou seja, trata-se do “direito de olhar” e de educar usando as contravisualidades.

As narrativas que surgem e são acionadas pelas contravisualidades estão ligadas às experiências, às memórias e as relações de saber reconstruídas a partir do cotidiano e dos posicionamentos políticos de resistência. O poder dessas imagens, enquanto porta de acesso ao “direito de ver” é conflituoso e, geralmente, movido pelo desejo de falar e ser escutado.” (ABREU et al., 2019, p.842)

Podemos afirmar que é a reflexividade com/sobre/a partir e, principalmente, para além das imagens, conforme mencionado por Porres Plá (2013), que nos torna ativistas visuais docentes, sobretudo ao considerar que o significado da cultura visual não está nas imagens, mas na relação que estabelecemos com elas, em seu valor de uso e no modo como nos permitem ver e ser vistos através delas. Recuperando a entrevista de Mirzoeff (2018), percebe-se que, como comenta Valle (2020), discutir e analisar a potência das imagens como (con)formadoras das identidades contemporâneas e suas problemáticas no âmbito da educação é parte das práticas valiosas para a formação docente.

Gomes (2021) nos ajuda quando diz que o estudo da dimensão cultural das imagens desponta como um campo de produção de conhecimento capaz de alicerçar práticas educacionais comprometidas com as interações e formações dos sujeitos. Dessa maneira, as práticas e os relatos produzidos a partir da *conversa online com imagens*, ao mesmo tempo que trouxeram a dimensão ativista das escolhas das licenciandas, constituíram-se como elementos formadores para todas as participantes da conversa. Não seria essa a função de uma *sala de conversas online com imagens* junto às docências em formação e em meio a uma pandemia?

Referências

ABREU, Carla Luzia de; et al. O que podemos aprender das contravisualidades? **Anais do 28º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019, p.831-846.

CASSINO, Helenice. Infâncias e presenças virtuais através das telas: contemporaneidade, visualidade e educação. In **Visualidades, educação e mudanças culturais**. Adriana Hoffmann, Raquel Barros, Rosiane de Jesus Dourado (Org.). RJ: Ayvu, 2021, p.125-138.

COLLINS, Patricia Hill. Se eu olhasse só o debate nas redes sociais, sairia correndo, afirma Patrícia Hill Collins. **Entrevista por Denise Mota**. 25 abr. 2021. Disponível em: [<Se eu olhasse só o debate nas redes sociais, sairia correndo, afirma Patricia Hill Collins - 25/04/2021 - Mundo - Folha>](#). Acessado em: 12 set. 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade** [recurso eletrônico]. Tradução: Rane Souza. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2020.

GOMES, Antenor Rita. **As imagens nas configurações educativas contemporâneas: a perspectiva da cultura visual**. Rio de Janeiro: Editora Paco Editorial, 2021.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. Tradução de Mirela Adriele da Silva Castro.

Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação. Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.). RS: Editora UFSM. 2013.

HOFFMANN, Adriana; TESCH, Rosane; et al. Manifesto Contravisualidades ou outravidualidades na educação. **X Taller Latinoamericano para la Transformación de la Formación Docente en Lenguaje, Colômbia, 2021.**

HOFFMANN FERNANDES, Adriana. A visualidade da cultura contemporânea e a educação: estudos sobre os modos de viver e produzir a imagem. **Projeto de pesquisa UNIRIO**, Edital Jovem Cientista do Nosso Estado, 2017.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Educação da cultura visual: conceitos e contextos.** Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011.

MIRZOEFF, Nicholas. A 'teoria' não são só palavras numa página, mas também coisas que se fazem. **Entrevista a Inês Bezerra Barreiros.** 11 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/a-teoria-nao-sao-so-palavras-numa-pagina-mas-tambem-coisas-que-se-fazem-entrevista-com-n>> Acessado em: 14 ago. 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. **Cómo Ver El Mundo:** Una nueva introducción a la cultura visual. Barcelona: Paidós, 2016.

NAJMANOVICH, Denise. **Novos paradigmas na ciência e pensamento complexo:** olhar com novos olhos. RJ: Ayvu Editora. 2022.

PORRES PLÁ Alfred. Conversações na aula de cultura visual. **Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação.** Raimundo Martins e Irene Tourinho (Orgs.). Rio Grande do Sul: Editora UFSM. 2013.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; et al. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. **Revista Educação em Foco**, Juiz de Fora, nº 25, jan/abr de 2020.

RIBEIRO, Tiago; de SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa:** porque não? Rio de Janeiro, Ed. Ayvu, 2018.

ROSE, Gillian. Visual Method Culture. **Blog.** 2018. Disponível em: <<https://visualmethodculture.wordpress.com/2018/04/16/digital-visual-cultural/>> Acessado em 24 out. 2022.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies:** an introduction to resourcing with visual materials. [Digital book]. 4 Ed. London: Sage, 2016.

TESCH, Rosane; HOFFMANN, Adriana. A sala de conversas online com imagens nas pesquisas em educação: uma metodologia de pesquisa com cultura visual. **Anais do 4º Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual.** Coordenação geral: Grazy Andraus.

Goiânia: UFG.PPGACV. 2022. Disponível em: [Anais_FAV_IV_SIPACV_1.6a.pdf \(ufg.br\)](#)

Acessado em: 09 out. 2022.

VALLE, Lutiere Dalla. Cultura visual e educação: cartografias afetivas e compreensão crítica das imagens. **Revista Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, vol 24, n 1, jan/abr 2020.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 10/02/2023

Aprovado em: 08/04/2023